

Mar, terra, história em Camões, Garrett e Machado

Ada Maria Hemilewski*

Resumo: O texto procura estabelecer as relações entre as obras *Os Lusíadas*, *Viagens na minha terra* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a partir do tema da viagem.

Palavras-chaves: Viagem, tempo, espaço, história.

Abstract: The text tries to establish the relation the words *Os Lusíadas*, *Viagens na minha terra* and *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, from the theme of the Voyage.

Key-words: Voyage, time, espace, history.

Baseado nos modelos de epopéia que vieram da tradição clássica, especialmente na *Eneida*, de Virgílio, Camões constrói a grande epopéia portuguesa: *Os Lusíadas*. Assim como

Virgílio cria o mito de que os romanos seriam os sucessores dos troianos, na luta contra os gregos, Camões coloca, miticamente, os portugueses como sucessores dos romanos, tendo como adversários os mouros.

Os Lusíadas divide-se em dez partes (cantos), divididas em estrofes regulares, chamadas estâncias. São 1.102 estâncias, em oitava rima. De acordo com o modelo da tradição clássica, o poema é organizado da seguinte maneira: proposição do assunto (canto I, estâncias 1-3); invocação às musas (canto I, estâncias 4-5); dedicatória a D. Sebastião (canto I, estâncias 6-18); narração da viagem de Vasco da Gama (canto I, estância 19 até o canto X) e o epílogo (últimas XII estâncias do canto X).

A obra possui duas linhas narrativas: a ação histórica que apresenta a viagem de Vasco da Gama e fatos importantes da História de

* Professora de Literatura Brasileira da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Campus de Frederico Westphalen, Doutora em Letras pela PUCRS.

Portugal, ou seja, uma viagem no espaço (Vasco da Gama) e no tempo (História de Portugal); a ação mitológica que apresenta a luta entre Vênus, a protetora dos portugueses, e Baco, o adversário dos navegantes. É a intervenção dos deuses, favorecendo ou colocando obstáculos à viagem dos portugueses, que confere unidade ao poema. Sem a intriga dos deuses, *Os Lusíadas* ficaria reduzido a episódios soltos.

Nessa tradição portuguesa, de narrativas de viagens, inaugurada por Camões, insere-se a obra *Viagens na minha terra*. Depois da viagem ultramarina de Camões, a viagem terrestre de Garrett. Nessa obra, o autor narra a viagem que realiza de Lisboa a Santarém, em 1823, na companhia de alguns amigos. A narrativa é permeada por digressões políticas, sociais, históricas, econômicas e literárias, além de narrar a história sentimental de Carlos e Joaninha.

Entre as digressões literárias do narrador/autor destaca-se o comentário sobre *Os Lusíadas*. O romântico afirma orgulhar-se da “maior obra de engenho que apareceu no mundo desde a *Divina comédia* até o *Fausto...*”. No entanto, considera um grande defeito o fato de Camões ter misturado “sua crença religiosa com seu credo poético” (p. 39), ponderando que “não havia ainda então românticos nem romantismo, o século estava muito atrasado” (p. 39), Garrett acha o erro compreensível e resolve imitar o ilustre poeta, pois quer procurar “no reino das sombras não menor pessoa que o Marquês de Pombal” (p. 40).

Em *Viagens na minha terra* não há armas, nem barões, nem musa. É o avesso da história de Portugal narrada por Camões. Em *Os Lusíadas*, quanto mais os navegantes se distanciam do país, maiores são as glórias que cantam. Em *Viagens na minha terra*, quanto mais o narrador penetra no interior do país, maiores são as ruínas que encontra. Santarém – símbolo da nação – é o espaço da negatividade, apesar de apontar para a grandeza através de seus monumentos. Porém, tais símbolos já não servem para sustentar a nação, pois estão em ruínas. Garrett não pode cantar o canto de glória e acaba mostrando a desilusão frente a um país que não é fiel às tradições, ao espiritual porque sucumbiu ao materialismo e à ambição representada pela personagem Carlos. O Portugal de Garrett já não está assentado sobre as glórias do passado.

Assim, como os navegadores de *Os Lusíadas*, Carlos também navegou “por mares nunca dantes navegados”, mas sua peregrinação mostra que não há porto seguro em Portugal, que o ideal está distante. Ao retornar ao país, o liberal emigrado perde o idealismo e aceita a contingência, aderindo ao capitalismo.

Outro aspecto comum às obras refere-se à criação do mito. Enquanto Camões cria o mito através do episódio de “Inês de Castro”, Garrett também o faz através da “Menina dos Rouxinóis”. Mas, ao contrário de Camões que, através do mito, legitima a dinastia de Avis,

iniciada por D. João, filho bastardo de D. Pedro e Inês de Castro, Garrett desconstrói o mito, pois o herói Carlos abandona Joaninha, que enlouquece e morre.

Tanto *Os Lusíadas* como *Viagens na minha terra* foram escritos em momentos adversos da História de Portugal. Apesar de a viagem de Vasco da Gama, narrada por Camões, representar o ápice no processo de expansão do império português iniciado com as grandes navegações, quando Camões escreve o poema, o declínio da nação portuguesa já se avizinha. A narrativa camoniana procura, então, retomar o impulso épico do povo e, apesar do final melancólico do poema, em virtude do futuro previsto para Portugal, Camões incita o rei D. Sebastião a conquistar Marrocos, realizando, assim, o sonho português da construção de um grande império mercantil.

Viagens na minha terra tem, também, como pano de fundo, um momento crítico da História portuguesa: a Guerra Civil entre os absolutistas e os liberais. Carlos é um representante dos liberais que sucumbem ao materialismo. Apesar de a obra retratar a frustração política de Garrett com a implantação da ditadura de Costa Cabral, deixa transparecer o amor a tudo que é português, declarando, ao final, que tornaria a viajar “com muito prazer e com muita utilidade e proveito, na nossa boa terra” (p.152). Assim, apesar de Garrett ter desconstruído o mito da grandiosidade da nação portuguesa, edificado

por Camões, sua obra também possui um cunho nacionalista.

Se Camões e Garrett viajaram no espaço e no tempo, o mesmo não acontece com Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas* é “uma viagem à roda da vida”, como declara o autor no prólogo da terceira edição. Em Garrett e Machado, as viagens não são longas como em Camões, pois Garrett pouco sai do lugar e Brás Cubas continua no túmulo. Tais viagens são, portanto, mais através do tempo que através do espaço.

Ao referir-se à relação estabelecida por Macedo Soares entre *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Viagens na minha terra*, declarando que “toda essa gente viajou: Xavier de Maistre à roda do quarto, Garrett na terra dele, Sterne na terra dos outros. De Brás Cubas se pode talvez dizer que viajou à roda da vida”, no prólogo da terceira edição do romance, Machado admite tal relação.

A obra de Garrett inicia com uma epígrafe de Xavier de Maistre, que é também citado no romance de Machado de Assis. Os dois autores inserem, em suas obras, uma série de chamadas intertextuais, numa reescrita da História da Literatura. Além do já mencionado Xavier de Maistre, são citados, tanto por Machado como por Garrett: Cervantes e sua obra *D. Quixote*, *Fausto*, de Goethe, *A divina comédia*, de Dante, *Os Lusíadas*, de Camões, a *Odisséia* e a *Iliada*, de Homero, a *Eneida*, de Virgílio, Shakespeare, Byron, Sterne e Aristóteles, além de inúmeras referências aos

textos bíblicos, que são parodiados pelos dois autores.

A citação de discursos já consolidados inserem, tanto *Memórias póstumas de Brás Cubas*, quanto *Viagens na minha terra*, na tradição literária. De certa forma, as chamadas intertextuais determinam o lugar que Machado de Assis e Almeida Garrett desejam ocupar na história da literatura. Pretendem, sem dúvida, que suas obras figurem entre as já sacralizadas. Sob outro ângulo, tais citações permitem que o leitor tenha idéia das leituras realizadas pelos referidos autores, bem como da influência exercida por tais leituras na obra de cada um deles.

Além das chamadas intertextuais, tanto *Viagens na minha terra* como *Memórias póstumas de Brás Cubas* são obras que narram duas histórias. Em Garrett, conforme já citado, há a história da viagem, realizada pelo narrador, de Lisboa a Santarém, e alternando frequentemente com ela, há uma segunda história, a da “menina dos rouxinóis”, que se desenrola a partir do capítulo X até o último capítulo. No entanto, a partir do capítulo XLIII, as duas histórias, que até aí eram narradas alternadamente, se fundem com a história da viagem e com a História de Portugal. Em Machado de Assis há a viagem no tempo, que é uma espécie de preâmbulo, iniciado no prólogo e concluída no capítulo IX, no qual o narrador realiza a transição entre o delírio e o nascimento de Brás Cubas. O delírio é uma verdadeira viagem no tempo, um corte na

História Universal. A partir do capítulo X, inicia-se a segunda narrativa, isto é, a história pessoal de Brás Cubas. No entanto, ao contrário de Garrett, em Machado, as histórias não se fundem, uma parte sintetiza a outra.

Outra relação que pode ser estabelecida diz respeito ao gênero. A obra de Garrett insere-se nos gêneros narrativa de viagem e novela sentimental. *Memórias póstumas de Brás Cubas* apresenta os gêneros: narrativa de viagem e memórias. A interpolação das narrativas, bem como as freqüentes digressões do narrador, quebram a linearidade de tais narrativas, tornando-as fragmentárias. Valendo-se da mistura de gêneros, bem como das digressões, tanto Machado como Garrett realizam uma viagem no tempo, com o objetivo de criticar a sociedade, bem como as modas literárias vigentes.

Se *Viagens na minha terra* é uma paródia, uma releitura às avessas de *Os Lusíadas*, de Camões, *Memórias póstumas de Brás Cubas* é uma releitura de Garrett. Entretanto, nessa releitura, Machado ignora Camões, limitando-se a uma breve alusão à sua obra, o que representa o repúdio a *Os Lusíadas*, obra que legitima o imperialismo português, do qual o Brasil foi vítima.

No que diz respeito ao narrador, tanto em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, quanto em *Viagens na minha terra*, o narrador é ostensivo, usa a ironia, dialoga com o leitor, em contrapartida ao narrador de *Os Lusíadas*,

que é humilde, não ironiza, ao contrário, lamenta sua pequenez ante a magnitude dos fatos que narra.

As obras de Machado e Garrett apresentam o herói nacional individualizado, personificado numa personagem, ao contrário de Camões, em cuja obra o herói é coletivo. O herói nacional individualizado é representado por Carlos, em *Viagens na minha terra*, um herói que luta pelo liberalismo, mas acaba perdendo o idealismo e sucumbe ao capitalismo, transformando-se num barão. Em *Memórias póstumas*, Brás Cubas é também uma espécie de herói nacional carnalizado, megalômano, hesitante, frustrado e melancólico. Ao invés de colocar o índio, consagrado pela literatura nacional como símbolo de brasilidade, Machado prefere colocar um representante da burguesia brasileira, cuja identificação com a pátria inicia pelo próprio nome: Brás. O herói coletivo de *Os Lusíadas* é o povo português, pois o poema canta o heroísmo e a História coletiva de Portugal, conforme a tradição clássica da epopéia.

Cotejando as três obras, conclui-se que o texto-chave parodiado por Almeida Garrett, em *Viagens na minha terra*, é *Os Lusíadas*. Através da desconstrução do texto, Garrett demonstra que o discurso camoniano é uma idealização da realidade, construído a partir da utopia portuguesa que sonhava a construção de um grande império ultramarino. Ao contrário de Camões, Garrett não deseja

retornar à grandeza do passado. Seu discurso visa reformar o país, pois “a sociedade já não é o que foi, não pode ser o que era: - mas muito menos ainda pode ser o que é” (p. 151). Já em Machado de Assis, apesar da releitura de Garrett, o que sobressai é o ceticismo, a descrença na possibilidade de transformação do ser humano e, conseqüentemente, da sociedade, uma vez que Brás Cubas encerra a narrativa de sua vida, afirmando: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (p. 236), o que considera um saldo positivo. Narrando a viagem pelo mar, pela terra ou ao redor da vida, as obras de Camões, Garrett e Machado de Assis, conduzem o leitor a uma viagem através da história da nação.

Referências bibliográficas

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Camões: épica e lírica**. São Paulo: Scipione, 1993.
- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- CAMÕES, Luís de. **Os lusíadas**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- GARRETT, Almeida. **Viagens na minha terra**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- REIS, Carlos, PIRES, Maria da Natividade. **História crítica da literatura portuguesa (O Romantismo)**. Coimbra: Verbo, 1993.

